

OS IMPACTOS DA EXPOSIÇÃO PRECOCE A TELAS NAS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE CRIANÇAS

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Sabrina Dall'Aqua Shimizu ¹
Apoio: *PIVIC Mackenzie*

João Manoel Rodrigues Neto ²

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) ¹

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) ²

<10403000@mackenzista.com.br>
<joaomanoel.rodrigues@mackenzie.br>

RESUMO

O estudo investigou os possíveis impactos da exposição precoce a telas nas interações sociais entre crianças, à luz da Psicologia do Desenvolvimento e da Análise do Comportamento. Este trabalho é um estudo exploratório, dada a existência de poucos estudos acerca do tema. Recomenda-se, segundo a Organização Mundial da Saúde (2019), que o uso de telas por crianças menores que 5 anos seja menor ou igual à 1h de exposição diária. A partir desta diretriz, realizou-se a observação de três participantes, de aproximadamente 24 meses de idade, sendo duas expostas precocemente a telas (mais de 1 hora/dia) e uma com pouca exposição a telas (menos de 1 hora/dia), visando notar as diferenças de comportamentos durante momentos de brincadeira livre no ambiente escolar, com filmagens analisadas qualitativamente e quantitativamente. Notou-se pelas observações que crianças expostas a telas precocemente tendem a se levantar mais vezes durante os momentos de brincadeira, revelando dificuldade em esperar, além disso apresentam maior tendência a trocar de item/brinquedo em um menor período de tempo, foi percebido comportamentos de frustração durante brincadeiras desafiadoras, constata-se, por fim, uma dificuldade em seguir instruções dos pares em momentos de brincadeira. A partir dos achados, acredita-se que a exposição precoce a telas pode afetar negativamente na autorregulação, atenção compartilhada e aquisição de repertórios sociais. Apesar da amostra limitada, os resultados reforçam a importância de orientações sobre o uso consciente de tecnologias na infância. Estudos futuros com amostras maiores são recomendados para aprofundar a compreensão desse fenômeno.

Palavras-chave: exposição precoce a telas; interações sociais; desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

The study investigated the possible impacts of early exposure to screens on children's social interactions, in light of Developmental Psychology and Behavior Analysis. This work is an exploratory study, given the scarcity of studies on the subject. According to the World Health Organization (2019), it is recommended that screen use for children under 5 years of age be limited to no more than one hour of daily exposure. Based on this guideline, three participants were observed—two with early exposure to screens (more than 1 hour/day) and one with little screen exposure (less than 1 hour/day)—with the aim of identifying behavioral differences during free playtime in a school setting, with recordings analyzed both qualitatively and quantitatively. Observations revealed that children exposed early to screens tend to stand up more frequently during play, showing difficulty in waiting. They also demonstrated a greater tendency to switch toys/items in shorter periods of time, displayed frustration during

challenging play activities, and, ultimately, showed difficulty following instructions during play. From these findings, it is believed that early screen exposure may negatively affect self-regulation, joint attention, and the acquisition of social repertoires. Despite the limited sample, the results highlight the importance of providing guidance on the mindful use of technology in childhood. Future studies with larger samples are recommended to deepen the understanding of this phenomenon.

Keywords: early screen exposure; social interactions; child development.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa objetiva compreender, à luz de conceitos da Análise do Comportamento e de dados da Psicologia do Desenvolvimento, a relação entre a exposição precoce às tecnologias, especificamente às telas, sendo esses dispositivos móveis como *tablets* e celulares, assim como televisões e computadores (World Health Organization, 2019), e o repertório de crianças em suas interações sociais com pares. Com base em procedimentos de observação em ambiente controlado, busca-se investigar e sistematizar padrões comportamentais, de acordo com parâmetros sobre o desenvolvimento infantil destacados por Gehm (2013) e estabelecidos ao longo da própria pesquisa, mesmo que a Análise do Comportamento seja probabilística.

Em vista disso, nota-se que a problemática do uso indiscriminado de telas por crianças é uma pauta que tem sido discutida, o Conselho Federal de Psicologia (2024), refere-se à elaboração de um guia contendo orientações sobre o uso consciente de telas que será disponibilizado à sociedade, contemplando a realidade brasileira.

Segundo a World Health Organization (2019), deve-se ter em vista os possíveis danos da exposição precoce a telas, já que existe uma associação desfavorável, ou nula, entre tempo de tela e adiposidade, desenvolvimento cognitivo ou motor e saúde psicossocial:

[...] Em crianças de 1 a 4 anos, os benefícios de menos tempo sedentário de tela e mais atividade física estão favoravelmente associados ao desenvolvimento motor e à aptidão física, sem associação significativa com o crescimento. Combinações de maior duração do sono e menos tempo sedentário de tela, bem como de maior duração do sono e mais atividade física, estiveram favoravelmente associadas ao desenvolvimento cognitivo e à adiposidade (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019, p.12).

Crianças menores que 5 anos estão em intenso desenvolvimento físico e cognitivo, sendo assim recomendado uma minimização no tempo de uso de telas, não devendo ultrapassar 1h diária, para o seu crescimento saudável. Tal exposição a telas se mostra cada vez mais presente na rotina das crianças, em 2011 aproximadamente 1% das crianças tinham seus próprios *tablets*, em 2013 este número aumentou para 7% (COMMON SENSE MEDIA, 2017), já em 2020, 46% das crianças, 2 a 4 anos, tinham seus próprios dispositivos eletrônicos (RIDEOUT & ROBB, 2020).

Para Andery (1997), práticas de reforço produzem efeito fortalecedor e efeito de prazer. Na cultura ocidental, contudo, o segundo efeito é posto em primeiro plano, ainda que se coloque em risco a sobrevivência da espécie, o repertório do indivíduo e a diversidade na cultura. Neste contexto, pode-se inferir que a exposição a telas, mesmo que cause efeitos prazerosos para os indivíduos, alívio de tensão e ocupação dos cuidadores, podem causar danos a longo prazo a seus usuários. Mesmo que coloquem em risco os indivíduos, as telas muitas vezes são oferecidas aos bebês por seus responsáveis, que costumam acreditar serem benéficas para o seu desenvolvimento e aprendizado (LEVINE *et al.* 2019; apud CAMPOS, 2022).

A infância se caracteriza pelas modificações biológicas e pela aprendizagem de comportamentos sociais, que se qualifica por ser uma relação entre dois organismos em que um deles faz parte do ambiente do outro. Entre estes aprendizados, serão postos em evidência neste projeto os comportamentos sociais, incluindo, mas não se restringindo aos repertórios de falante e de ouvinte. Para que o aprendizado dos operantes verbais, é necessário que o neonato aprenda antes os repertórios pré-verbais, já que a aprendizagem do comportamento verbal depende do aprendizado de outros repertórios, em geral, sociais, como o contato ocular, imitação generalizada e controle pelo estímulo apontado (CARO, 2019). Além disso, durante o desenvolvimento infantil, sabe-se que a interação com outros organismos, especialmente o contato com outras crianças, é responsável por alavancar o desenvolvimento cognitivo e social (LOPES, 2003).

O uso de telas restringe as oportunidades de interação social, sendo uma atividade solitária (MARAGNI, 2022). Assim, elas podem ser possíveis contribuir para que esses aprendizados ocorram de forma indevida, afetando comportamentos sociais esperados, inclusive os de ouvinte e de falante, que influenciam diretamente em como as interações sociais se darão ao longo do desenvolvimento. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2020) destaca sobre o uso de telas por crianças pequenas:

[...] O olhar, a expressão facial, todo esse contato com a família é vital para a criança pequena. Uma fonte instintiva de estímulos e cuidados que não pode ser trocada por telas e tecnologias e são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem, das habilidades cognitivas e sociais. Atrasos nessas áreas são frequentes em bebês que ficam passivamente expostos às telas, por períodos prolongados (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2020).

A fim de articular as questões supracitadas, este estudo será produto de uma coleta por meio da observação, em ambiente controlado, de crianças expostas e pouco expostas precocemente a telas em interação com pares da mesma faixa etária. A comparação das ações em relação ao ambiente social e físico permitirá apreender possíveis efeitos causados pela exposição precoce às telas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico para esta pesquisa foi constituído por autores que discutem as relações sociais, a Psicologia do Desenvolvimento e a exposição a telas. A pesquisa teve como base a análise de comportamentos operantes verbais, sendo que os operantes são caracterizados para Skinner (1974) por terem como consequência o reforço, que aumenta a probabilidade do comportamento voltar a ocorrer.

Ademais, os comportamentos verbais estão intimamente ligados ao comportamento humano, constituindo formas de interação entre o indivíduo e seu ambiente. Atribui-se a estes comportamentos as seguintes características:

[...] o comportamento verbal se define por a) ser um operante b) gerado, mantido e alterado por consequências mediadas c) por outros indivíduos cujos comportamentos que exercem tal mediação foram especificamente condicionados para exercer essa mediação (CARO, 2019, p. 11).

Dentre os comportamentos verbais, foi avaliado o comportamento de falante, que abrange o operante ecóico, mando e tato. Sendo o ecóico um operante de repetição vocal, uma resposta que gera um som equivalente ponto-a-ponto ao do estímulo, por exemplo, quando se tem como estímulo antecedente a palavra “cachorro” sendo emitida a resposta do organismo será a repetição da palavra “cachorro”. O mando é um operante que amplia a influência sobre os outros, ou seja, visando o estímulo consequente que seria a aproximação de um cachorro, o organismo emite a resposta de dizer a palavra “cachorro”. O tato que é um operante verbal no qual há uma relação funcional entre um estímulo não verbal presente no ambiente e a resposta verbal correspondente. Por exemplo, quando um cachorro surge no ambiente, o organismo emite como resposta a palavra “cachorro” (Caro, 2019).

Bem como os comportamentos operantes verbais, também serão analisados os comportamentos de ouvinte, que são descritos como não necessariamente verbais, envolvendo a mediação de outro organismo na condição mantenedora

[...] O comportamento de ouvinte opera como facilitador, assim, para que o indivíduo seja afetado pelas práticas de seu grupo como um todo. Conforme o repertório de ouvinte vai se incrementando, maior será a suscetibilidade desse ouvinte de se beneficiar das aprendizagens de outras pessoas (CARO, 2019, p. 72-73).

Para elencar os repertórios comportamentais de socialização que serão avaliados, será utilizada uma tabela adaptada do estudo de Gioia e Guilhardi (2018) que traz comportamentos sociais correspondentes a faixa etária (de 7 à 36 meses).

TABELA 1 - Respostas típicas de crianças de 7 à 36 meses à comportamentos de socialização

TAREFA	RESPOSTA
Interesse em sons	A criança movimenta-se em direção ao som emitido (orelhas, olhos, cabeça e/ou corpo).
Imitação de gestos	A criança imita movimento apresentado por outra criança.
Seguir o apontar	A criança olha para objetos apontados por outras crianças.
Brincar	Em contato com os brinquedos, a criança responde adequadamente a brincadeira

Fonte: Elaborada pela autora com base em Gioia e Guilhardi, 2018.

No que é descrito como Psicologia do Desenvolvimento por Gehm (2013), trata-se do estudo das mudanças que ocorrem da fecundação à morte, não tendo causalidade no passar do tempo e na idade, mas na interação do ambiente físico e social com os comportamentos adquiridos que são necessários por sua vez para o desenvolvimento de novas competências comportamentais.

Gehm (2013) discorre que a maturação para a Análise do Comportamento não poderia ser desatrelada da experiência. Nesse sentido, pela necessidade de maturação, a aprendizagem

do comportamento verbal necessitaria de outras aprendizagens prévias. Em vista disto, é descrito por Caro (2019) que há uma dependência do aprendizado de repertórios pré-verbais para a aprendizagem dos repertórios verbais.

A cultura mostra sua relevância nos processos de aprendizagem, Andery (2001) cita que podemos conhecer o mundo pela experiência dos outros, revelando a atemporalidade desta. Logo, a cultura é responsável pela adaptação da espécie humana ao ambiente, que os liberta do contato com o mundo mecânico na obtenção dos reforçadores.

Em complemento, Norbert Elias (1994, p. 16) desenvolve o conceito de cultura, que precede o nascimento do indivíduo e lhe é essencial para seu desenvolvimento, o autor cita que: “[...] Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer”.

No desenvolvimento infantil é primordial a interação com outros indivíduos, sendo a utilização de atividades grupais em práticas educativas como impulsionadoras do desenvolvimento cognitivo, bem como o desenvolvimento de habilidades sociais pelo contato de crianças entre seus pares, segundo Lopes (2003).

Nota-se a importância das relações sociais em contraponto ao uso de telas:

[...] o brincar constrói reciprocidade social no repertório da criança. Ao mesmo tempo, o uso de telas limita as oportunidades de interação social, a partir do momento em que restringe a criança a uma atividade solitária e sedentária (RADESKY & CHRISTAKIS apud MARAGNI, 2022, p. 21).

Em uma pesquisa realizada por Campos (2022) é constatado que crianças menores tendem a ficarem mais dependentes dos pais, porque dependem do que lhes é oferecido para se ocuparem. Normalmente essas crianças são expostas a telas, que os permite ficarem entretidos de maneira segura e liberando os cuidadores para outras atividades, evidenciando a tendência dos responsáveis a exposição de suas crianças precocemente.

Oswald et al (2020) adverte que as crianças e adolescentes têm uma maior sensibilidade ao uso de tecnologias e seu uso excessivo pode deslocar o tempo que seria destinado comportamentos protetivos para a saúde mental como a prática de atividade física, o sono adequado, às interações sociais e as atividades escolares. Este uso abusivo de telas para os

autores poderia estar, dessa forma, atrelado ao surgimento de sintomas de depressão e ansiedade entre crianças e adolescentes, podendo trazer riscos à saúde mental na vida adulta.

Além disso, Rocha et al (2021) em um estudo realizado no Ceará, Brasil, teve como conclusões que quanto maior o uso de telas, piores os resultados em desenvolvimento infantil, entre crianças menores de 5 anos, nas áreas de coordenação motora global (movimentos que usam de braços, corpo e pernas), coordenação motora fina (movimentos que exigem controle do uso das mãos e dos dedos), comunicação (relacionadas à fala, à audição e à compreensão da criança), resolução de problemas (habilidade de brincar com brinquedos e sua capacidade de resolver problemas) e pessoal-social (habilidades apresentadas nas interações da criança com outras pessoas e a capacidade de brincar sozinha e com outras pessoas). Revelando que para cada hora adicional deste uso poderia estar atrelada a menor comunicação destas crianças.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) traz considerações acerca do contato da criança com outros indivíduos, considerando insubstituível pelo uso de telas e tecnologias. Nesse sentido, para definir o ideal de exposição a telas para a amostra da pesquisa será utilizado o que a World Health Organization (2019) recomenda, sendo que crianças de 0 a 1 anos não devem ter qualquer exposição a telas, enquanto crianças de 2 anos podem ter no máximo 1 hora de exposição diária.

Para a escolha da idade do público pesquisado, foi definida com base na definição de Papalia (2013) de que as crianças entre 1 a 3 anos demonstram interesse em outras crianças, desenvolvendo nessa faixa etária o que seria a compreensão social, ou seja, a habilidade de interagir com o outro.

3. METODOLOGIA

3.1 AMOSTRA

Duas crianças (que serão identificadas como X e Y) de aproximadamente 24 meses expostas a telas precocemente (mais de uma hora de exposição diária) e uma criança (que será identificada como Z) de aproximadamente 24 meses pouco exposta (menos de 1h diária) a telas. As crianças estão matriculadas na escola, apresentam desenvolvimento típico, são do sexo masculino e de cor branca. O critério de exposição foi definido pelo relato de pais ou cuidadores das crianças.

3.2. INSTRUMENTOS

- Brinquedos apropriados para a faixa etária: Pescaria dos números (contém um tabuleiro com peixes numerados de 1 a 10 e uma vara de pescar de madeira); Passa figuras animais da fazenda (contém uma casa em miniatura de madeira com encaixes para 10 animais de madeira); Brinquedo de labirinto com contas de madeira (contém fios de arame para que a criança passe as peças por ele); Carro em miniatura de plástico; Animais da fazenda em miniatura de plástico; Massinha; Papel e canetinhas.
- Um questionário para a coleta de informações básicas de cada criança que será respondido pelos pais;
- Câmera de celular para a filmagem das interações entre crianças.

3.3. ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE: 84238924.3.0000.0084), indicando riscos mínimos aos participantes. Foi disponibilizado um TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido) garantindo os direitos dos participantes, bem como um TALE (Termo de Assentimento) para o menor de idade, em que foi solicitado o direito de imagem dos participantes para a análise posteriormente das filmagens elaboradas, que não serão divulgadas. Também foi solicitada uma autorização de participação da escola.

3.4. PROCEDIMENTO

De forma presencial na escola selecionada, os grupos amostrais (duas crianças expostas e uma pouco exposta) foram colocados em um ambiente com possibilidade de interação entre seus pares, buscando apreender a forma como se dá a interação entre as crianças, verificando seus comportamentos sociais e comparando como as crianças expostas a telas e a pouco exposta interagem entre si na presença de brinquedos apropriados para a faixa etária.

Foram realizadas observações na escola selecionada a fim de analisar os possíveis efeitos causados pela exposição precoce às telas. As observações ocorreram durante 3 dias, cada dia foi realizada uma observação, com gravação, de aproximadamente 20 minutos. Foram realizadas observações de momentos de brincadeira livre, em que as crianças puderam brincar com as mínimas interferências da pesquisadora e das professoras que acompanharam a observação, totalizando 60 minutos de gravações.

Devido à baixa adesão dos pais/responsáveis em autorizar a participação, o estudo contou com apenas três crianças, o que demandou adaptações na metodologia originalmente planejada.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A partir das observações realizadas na escola durante os três dias acompanhando as crianças, foi possível perceber diferenças comportamentais entre crianças que tiveram o uso de telas precoce e que não o tiveram. Durante os momentos de brincadeiras livres, teve-se como hipótese que crianças que tiveram uso de telas precoce, tendem a ter uma menor tolerância à frustração, pois desistiram mais rapidamente de brincadeiras desafiadoras, como se observou enquanto as crianças brincavam com o brinquedo da pescaria que exige coordenação motora fina, para executar o movimento de encaixar os peixes na vara de pescar. Nota-se um esquema de razão variável para a análise do comportamento persistente, em que o reforçador é produzido somente quando uma solicitação for repetida até que se torne aversiva, causando o que denominamos de chato, entediante (Skinner, 1953). Baseado nisso, percebeu-se que as crianças expostas a telas apresentam menos repetições do comportamento diante de um brinquedo desafiador do que a criança que não foi exposta a telas, o que pode limitar a aquisição de repertórios que dependem de resistência à frustração, já que “[...] ajudar crianças a fazer algo que podem fazer sozinhas pode priva-las de consequências reforçadoras que modelariam e manteriam um comportamento mais útil” (Skinner, 1987, p. 4).

Foi observado que durante os momentos de brincadeira livre as crianças X e Y (ambos expostos precocemente a telas) apresentaram dificuldade em seguir instruções, como no segundo dia de observação quando em uma interação, em que X pede para que Y pegue um carro de brinquedo que lhe está sendo entregue e Y ignora a solicitação. Também foi percebido que X e Y apresentam maior dificuldade para seguir o mando “me dá” durante as interações, sendo necessário nos três dias de observação de brincadeira livre, a intermediação das professoras no compartilhamento de itens. Percebe-se que há uma diferença no repertório verbal no papel de ouvinte. Nota-se que crianças expostas precocemente a telas apresentaram dificuldade em seguir instruções de colegas ou responder prontamente as interações iniciadas por eles, enquanto a criança não exposta a telas apresenta maior compreensão das mesmas. Essa diferença indica um menor engajamento nas trocas comunicativas, possivelmente por uma maior desatenção.

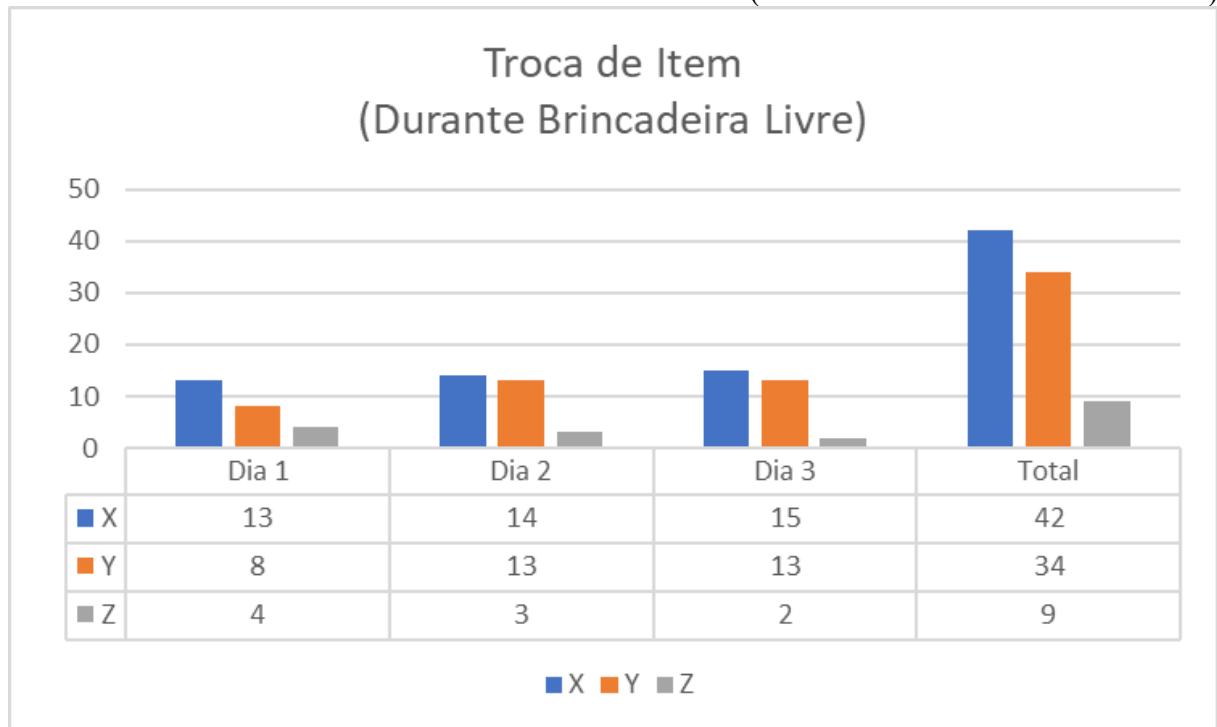
Além disso, também foi percebido uma dificuldade da criança Y em iniciar interações durante o momento de brincadeira livre na sala de aula, dado que nos três dias de observação, Y gritava em variados momentos e em seguida olhava em direção aos colegas, revelando possivelmente um repertório limitado da criança nos seus comportamentos verbais.

Skinner (1987) discorre que pessoas que evitam trabalho e têm as coisas feitas para elas esquivam-se de muitas consequências aversivas, entretanto, a partir de um certo ponto elas próprias também se privam das consequências fortalecedoras. Posto isto, a tecnologia apresenta-se como uma ferramenta valiosa no cotidiano e frequentemente proporcione praticidade, porém quando utilizada em excesso pode restringir o desenvolvimento de determinados repertórios de aprendizagem. Para o autor, o efeito fortalecedor do reforçamento também se enfraquece quando as pessoas agem apenas por terem sido instruídas a fazê-lo. Nas culturas ocidentais, observa-se uma crescente ampliação desse comportamento “governado por regras”. Em síntese, evitar o trabalho e delegar tarefas pode poupar o indivíduo de experiências desagradáveis, mas, em excesso, também o afasta das experiências enriquecedoras que fortalecem seu repertório comportamental.

Ademais, também pode-se perceber que as crianças expostas a telas apresentam dificuldade em esperar, sendo percebido através das observações em momentos de brincadeira livre em que as crianças não toleram esperar a vez em brincadeiras com troca de turno. Como pode ser observado no primeiro e no segundo dia, em que enquanto os participantes X, Y, Z brincavam com um brinquedo de pescaria, que contém uma vara de pescar e peixes de madeira, notou-se uma tendência de X e Y a puxarem os itens da mão dos outros participantes, necessitando da intervenção da professora em brincadeiras com troca de turno.

Esta dificuldade em esperar também pode ser percebida nas crianças que tiveram exposição a telas que acabam trocando mais rapidamente de brinquedo do que a criança não exposta a telas como pode se ver no gráfico a seguir, sendo X e Y as crianças expostas a telas e Z a criança que foi pouco exposta:

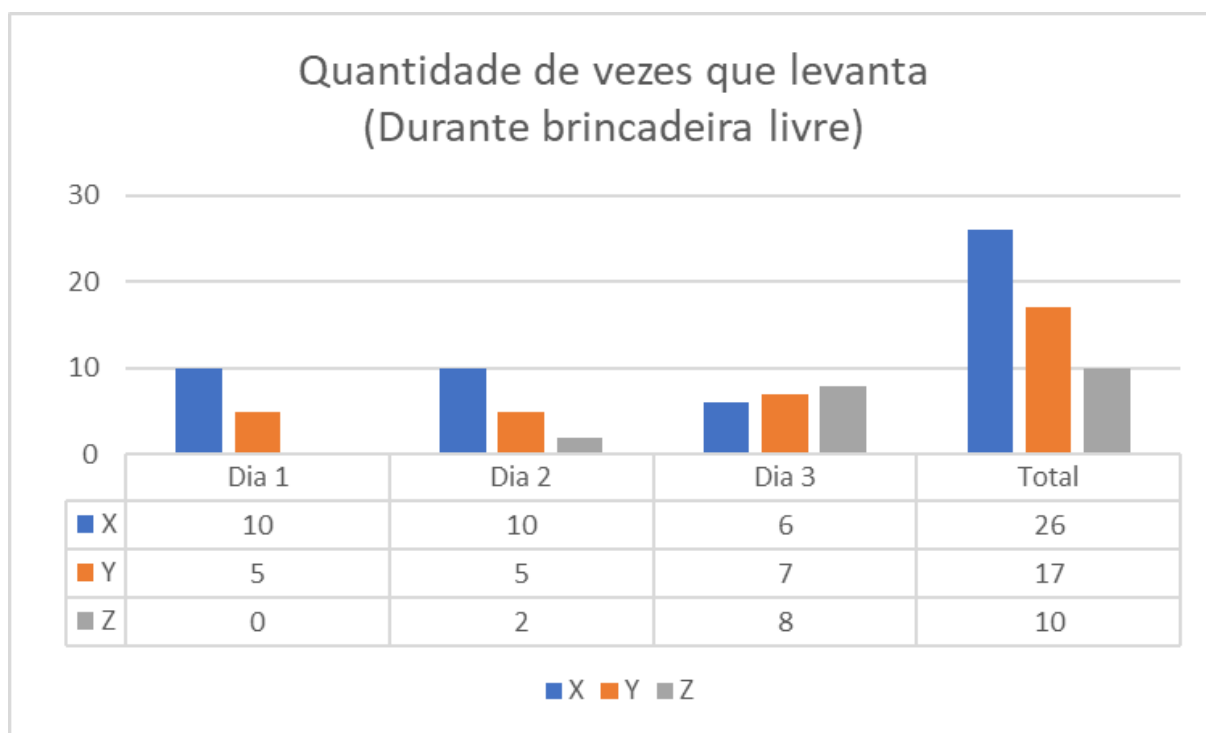
Gráfico 1 – Troca de item (durante brincadeira livre)



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2025)

Foi notada certa inquietude nas crianças que foram expostas a telas durante as brincadeiras, pois foi observado uma maior necessidade de se levantar/mudar de posição durante as brincadeiras como pode-se notar no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Quantidade de vezes que levanta (durante brincadeira livre)



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2025)

No terceiro dia de observação, percebe-se que apesar do participante Z ter se levantado em maior frequência, verificou-se uma espécie de “inversão” quando analisados os demais participantes nos outros dias. Esta inversão pode ser explicada pois enquanto Z se mantinha em pé mais vezes, os outros participantes apresentaram outras formas de deslocamento corporais, como rastejar, engatinhar e deitar no chão, indicando diferentes formas de movimentação, apesar de não se levantarem efetivamente. A partir deste dado, percebe-se que em estudos posteriores, a análise do comportamento para além do ato de se levantar, considerando outras formas de movimentação.

Verifica-se que a exposição precoce a telas pode afetar tanto na autorregulação quanto na disponibilidade para participar ativamente de interações sociais, influenciando, a longo prazo, a aquisição e o refinamento de repertórios verbais. Para Skinner (1987) determinadas práticas culturais mudam a relação temporal entre o comportamento e suas consequências, especialmente através do uso de reforçadores condicionados e generalizados. Essa alteração no vínculo temporal pode acarretar comportamentos como o de inquietude, uma vez que as

contingências naturais, que sustentariam padrões de comportamento mais estáveis, não são vivenciadas.

Demopoulos (2025) discorre que o tempo de tela vem substituindo interações de qualidade entre pais e filhos e que os efeitos de seu uso indiscriminado podem prejudicar a cognição, o desenvolvimento linguístico e socioemocional de crianças. A partir das observações realizadas, foi possível averiguar que o uso de telas vem causando diferenças comportamentais nas interações sociais entre crianças, observa-se que existem possíveis prejuízos na cognição, no desenvolvimento linguístico e socioemocional nas crianças que foram expostas precocemente as telas. Podemos notar a influência da cultura nas maneiras que os organismos se comportam, sendo controlados pelas exigências de uma dada situação. As mesmas culturas também produzem pessoas cujo comportamento é controlado principalmente pelo comportamento de outros (Skinner, 1987). Portanto, percebe-se que as mudanças culturais, a partir da exposição que vem ocorrendo precocemente às tecnologias, tem causado mudanças nos comportamentos dos indivíduos. Para o autor, os efeitos reforçadores no mundo ocidental moderno ocorrem, porém eles não são contingentes ao tipo de comportamento em relação ao qual as suscetibilidades de reforçamento se desenvolveram. Sendo assim:

[...] O que está errado com a vida no Ocidente não é que ela tem reforçadores demais, mas é que os reforçadores não são contingentes aos tipos de comportamentos que sustentam o indivíduo ou promovem a sobrevivência da cultura ou da espécie (SKINNER, 1987, p.6).

Andery (1997) descreve sobre a mudança do foco da seleção, não mais a sobrevivência da espécie, mas o comportamento individual passa a ser selecionado – fortalecido ou enfraquecido por meio do reforçamento. Nota-se que a cultura, sendo o terceiro nível de seleção por consequências, encontra-se refém de mecanismos evolutivos que privilegiam consequências imediatas, muitas vezes prazerosas, em detrimento de sua função fortalecedora. A partir desse reforçamento de consequências imediatas, percebe-se que a formação de uma subjetividade alienada, no sentido de que temos consciência apenas de parte de nossa ação e de suas consequências, mantendo indivíduos presos a padrões reforçados mais pelo prazer imediato do que por benefícios a longo prazo. Aplicando essa lógica ao fenômeno investigado,

o uso de telas, proporciona reforçadores imediatos, os quais podem dificultar o desenvolvimento de repertórios de socialização relevantes.

Portanto, as diferenças comportamentais que puderam ser observadas entre as crianças X, Y e Z, demonstram os possíveis efeitos da exposição a telas precocemente. Nota-se que as crianças expostas a telas, X e Y, apresentaram uma alternância entre brinquedos mais acelerada que a criança Z, que teve pouca exposição a telas. Também se evidencia uma menor tolerância à espera, uma baixa persistência em atividades desafiadoras e dificuldade em seguir instruções de outras crianças sem a mediação de um adulto. Constata-se que Z demonstrou maior capacidade em seguir instruções de pares, além de apresentar maior tolerância a esperar na mesma posição e maior tendência a permanecer brincando com o mesmo brinquedo e a persistir em atividades desafiadoras.

Os achados reforçam a hipótese de que a exposição precoce a telas pode impactar negativamente a maneira como as crianças expostas a telas se relacionam com seus pares. Indicando efeitos negativos na habilidade de persistência, na dificuldade em iniciar e manter trocas comunicativas com os pares e revelando uma maior inquietude entre as crianças expostas a telas. As descobertas por meio da pesquisa, encontram-se em consonância com a literatura existente sobre o tema, que indica efeitos negativos do uso de telas precocemente no desenvolvimento infantil.

5. CONCLUSÃO

Partindo do uso crescente de tecnologias na primeira infância, teve-se como objetivo investigar os possíveis impactos da exposição precoce a telas nas interações sociais entre crianças da mesma faixa etária. A pesquisa buscou investigar os possíveis impactos da exposição precoce a telas nas interações sociais entre crianças, analisando as diferenças comportamentais entre elas. Para isto, foi adotada uma abordagem exploratória já existem poucas pesquisas na literatura sobre o tema.

A partir da observação de três crianças (duas expostas e uma pouco exposta a telas) durante momentos de brincadeira livre em sala de aula, foi possível identificar diferenças nos comportamentos das crianças exposta e pouco exposta, que sugerem que a exposição precoce

a telas pode estar associada a dificuldade em esperar, maior inquietude, dificuldade em seguir instruções e dificuldade em persistir em atividades desafiadoras. Esses achados indicam que a exposição precoce a telas pode acarretar em prejuízos no desenvolvimento de repertórios sociais relevantes na interação com os pares. O trabalho oferece parâmetros para futuras pesquisas, que podem considerar as categorias elencadas para propor protocolos padronizados de observação.

Entre as limitações do estudo, destaca-se o número reduzido de participantes, o que restringe a generalização dos achados, sendo necessário que novas pesquisas sejam feitas sobre a temática para uma maior compreensão do fenômeno, com amostras maiores e em contextos mais diversificados, avaliando as relações anteriores entre as crianças participantes do estudo e o histórico de punição em interações sociais, possibilitando uma análise longitudinal a influência das telas no desenvolvimento de repertórios verbais e sociais.

Apesar das limitações do estudo, o trabalho reforça a necessidade de problematizar a exposição precoce as telas. Contribuindo para a formulação de conhecimento científico que problematiza o uso de tecnologias na primeira infância.

6. REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália. **O modelo de seleção por consequências e a subjetividade**. In: BANACO, R. A. (Org.). Sobre comportamento e cognição. São Paulo: Arbytes, v. 1, 1997. p. 199-208.

CAMPOS, Livia Branco. **EXPOSIÇÃO DE BEBÊS BRASILEIROS DE 0 A 23 MESES A TELAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**. 2022. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.

CARO, Daniel de Moraes. **Impactos do comportamento verbal sobre as interações entre indivíduo e ambiente: um estudo com base na ontogênese de repertórios verbais**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2019.

COMMON SENSE MEDIA. **The Common Sense Census: Media use by kids age zero to eight. A special population: children under two**. 2017. Disponível em: <https://www.commonsense.org/zero-to-eight-census>. Acesso em 09 de abr. de 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Crianças e Adolescentes: CFP participa da elaboração de guia com orientações sobre o uso consciente de telas.** Brasília-DF, 2024.

Disponível em: [https://site.cfp.org.br/criancas-e-adolescentes-cfp-participa-da-elaboracao-de-guia-com-orientacoes-sobre-o-uso-consciente-de-](https://site.cfp.org.br/criancas-e-adolescentes-cfp-participa-da-elaboracao-de-guia-com-orientacoes-sobre-o-uso-consciente-de-telas/#:~:text=Atento%20a%20este%20desafio%2C%20o,Digitais%20por%20Crian%C3%A7as%20e%20Adolescentes%E2%80%9D)

[telas/#:~:text=Atento%20a%20este%20desafio%2C%20o,Digitais%20por%20Crian%C3%A7as%20e%20Adolescentes%E2%80%9D](https://site.cfp.org.br/criancas-e-adolescentes-cfp-participa-da-elaboracao-de-guia-com-orientacoes-sobre-o-uso-consciente-de-telas/#:~:text=Atento%20a%20este%20desafio%2C%20o,Digitais%20por%20Crian%C3%A7as%20e%20Adolescentes%E2%80%9D). Acesso em: 10 de abr. de 2024.

DEMOPOULOS, Alaina. **‘It’s so boring’: gen Z parents don’t like reading to their kids – and educators are worried.** The Guardian, 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/article/2025/jun/02/gen-z-parents-dont-like-reading-to-kids>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. *In*: Elias, Norbert. **A SOCIEDADE DOS INDIVÍDUOS.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994. Parte I.

GEHM, Tauane Paula. **Reflexões sobre o estudo do desenvolvimento na perspectiva da análise do comportamento.** 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GIOIA, P. S.; GUILHARDI, C. Protocolo comportamental de avaliação e intervenção precoces para bebês de risco autístico. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 118–135, 2018. DOI: 10.31505/rbtcc.v20i3.1221. Disponível em: <https://www.rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/1221>. Acesso em: 30 mar. 2024.

LOPES, L. W. R.; MAGALHÃES, C. M. C.; MAURO, P. I.. Interações entre pré-escolares: possibilidades de análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, p. 88–97, dez. 2003.

MARAGNI, Camila Vargas. **Exposição excessiva às telas e suas consequências para o desenvolvimento infantil.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica, 2022.

OSWALD, Tassia K.; RUMBOL, Alice R.; KEDZIOR, Sophie G. E.; MOORE, Vivienne M. Psychological impacts of “screen time” and “green time” for children and adolescents: A systematic scoping review. **PLOS ONE**, 2020. doi: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0237725>.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Sociabilidade com outras crianças. *In* : PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Tradução : Carla Filomena Marques Pinto Vercesi [et al.]. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

RIDEOUT, Victoria; ROBB, Michael B. **The Common Sense census: Media use by kids age zero to eight**. Common Sense Media, 2020. Disponível em: https://www.common sense media.org/sites/default/files/uploads/research/2020_zero_to_eight_census_final_web.pdf. Acesso em: 09 de abr. 2024.

ROCHA, HAL; CORREIA, LL; LEITE, Á.JM *et al*. Tempo de tela e desenvolvimento da primeira infância no Ceará, Brasil: um estudo de base populacional. **BMC Saúde Pública** 21 , 2072 (2021). <https://doi.org/10.1186/s12889-021-12136-2>.

SKINNER B. F. Comportamento de pessoas em grupo. *In*: SKINNER B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. Tradução: João Carlos Todorov, Rodolfo Azzi. 11. Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003 (Original de 1953). p. 323 – 360.

SKINNER, B. F. O comportamento operante. *In*: Skinner B. F. **Sobre o Behaviorismo**. Tradução: Maria da Penha Villalobos. 7. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1974. cap 4, p. 43 - 65.

SKINNER, B. F. O que está errado com a vida cotidiana no mundo ocidental? *In*: SKINNER, B. F. **Upon further reflection**. Tradução: Renata Cristina Gomes; revisão de Hélio José Guilhardi e Noreen Campbell de Aguirre. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1987. p. 15-31.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (Brasil). **Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas**. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-_UsoSaudavel_TelasTecnolMidias_na_SaudeEscolar.pdf. Acesso em: 26 de mar. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (Brasil). **SBP atualiza recomendações sobre saúde de crianças e adolescentes na era digital**. 2020. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>. Acesso em: 17 de ago. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Guidelines on physical activity , sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age. 2019. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241550536>. Acesso em: 26 de mar. 2024.